

# Audiência Pública

SUBSCREVA A "AUDIÊNCIA PÚBLICA" ENVIANDO UM EMAIL PARA [NEWSLETTER.CURSOS@CAAD.ORG.PT](mailto:NEWSLETTER.CURSOS@CAAD.ORG.PT)

NEWSLETTER DO  
CENTRO DE ARBITRAGEM  
ADMINISTRATIVA

#14 JUN  
2026



CONTADOR

# 17.519

► Número de processos administrativos e tributários entrados no CAAD desde o início.

→ ÚLTIMAS DECISÕES ARBITRAIS E ADMINISTRATIVAS  
<https://caad.org.pt/tributario/decisoaes/>

→ CALENDÁRIO DAS AUDIÊNCIAS  
<https://www.caad.org.pt/comunicacao/calendario>

→ ÚLTIMA DISTRIBUIÇÃO TRIBUTÁRIA  
<https://www.caad.org.pt/tributario/distribuicao>

→ ÚLTIMA DISTRIBUIÇÃO ADMINISTRATIVA  
<https://www.caad.org.pt/administrativo/distribuicao>

ABERTURA

## Joana rica, Joana pobre



**NUNO VILLA-LOBOS**  
PRESIDENTE DO CAAD

A Fundação Francisco Manuel dos Santos publicou em 2015 um estudo da investigadora Ana Maria Evans sobre a Administração Tributária em Portugal. O funcionamento e a qualidade de seis instituições públicas e privadas é o eixo do trabalho. A autora concluiu que a diferença de tratamento entre pequenos e grandes contribuintes perante o Fisco não é uma ideia sem fundamento: ela existe mesmo e é destrutiva.

Entre as várias causas apontadas é referida a falta de defesa adequada dos pequenos contribuintes. Quando é que isto acontece? Os erros de tributação são um exemplo nítido da fratura que se abre entre níveis de riqueza. A explicação salta à vista: a diferença de acesso aos recursos técnicos e financeiros para planear e reduzir a carga fiscal marca as escolhas e os resultados finais. Uns têm informação e saber; os outros... os outros não imaginam sequer o que isso seja e, imaginem, que até se podem defender.

A assimetria de conhecimento e informação distorce de forma violenta o acesso democratizado à Justiça Tributária. Estamos perante uma falha sistemática que dinamiza a nossa democracia e cria fraturas sociais muito difíceis de

ultrapassar. Quem está lá atrás — do ponto de vista socio-económico — lá atrás fica ou tem mais dificuldade, um dia, em avançar.

O projeto editorial a "A Joanelinha, os Impostos e a Arbitragem Tributária, uma história de educação fiscal para crianças," desenvolvido em parceria com o CAAD e integrado no projeto coordenado por Clotilde Celorico Palma, representa — precisamente por esta razão — muito mais do que uma simpática publicação infantil. O que pretendemos é apenas assumir um compromisso com o futuro, ou melhor, quisemos iniciar de forma muito simples esse caminho — para que a desigualdade, um dia, possa ser mais facilmente corrigida.

Falar com crianças sobre impostos pode parecer improvável ou até descabido, mas é precisamente aí que reside a força singular deste projeto. Palavras simples, explicações razoáveis. Antigamente, dizia-se: dos sete aos 77 anos. Pagar impostos não é o diabo, o diabo é pagar o que não é devido, por erro próprio ou do Estado, e não fazer a mais pequena ideia do que está a acontecer.

Hoje está tão enraizado no discurso político o ataque desabrido aos impostos, misturando-o com o excesso de carga fiscal, que já pouco nos importamos quando alguém exhibe tão lamentável ignorância ou má fé. Deixarmos que isto aconteça é, no entanto, um erro fatal que acabará por deitar abaixo os nossos alicerces. Defender o sistema fiscal não dá votos, só os tira. É tempo de acabar com isto.

Falar de arbitragem aos mais novos é também uma forma de ultrapassar

equivocos e combater preconceitos. A arbitragem é apenas justiça, uma justiça especializada, acessível e reconhecida pelo Estado, inscrita na Constituição Portuguesa. É importante que as novas gerações cresçam a compreender que existem diferentes formas de garantir os seus direitos e os dos outros cidadãos; e que há uma boa e uma má aplicação da lei. Mais prosaicamente, é fundamental que não pensem que a arbitragem é apenas uma função nos jogos de futebol ou de outra modalidade desportiva — como a Joanelinha, no livro, começa por achar. Na verdade, muitos adultos pensam isso mesmo.

Ver este livro ganhar vida e chegar ao público tem, por isso, uma importância simbólica que transcende qualquer juízo literário. Quando existe visão, empenho e cooperação entre instituições é possível criar instrumentos que ajudam a construir uma relação mais informada com estes assuntos tão centrais.

Melhor ainda: quando estes temas acompanham o crescimento e a formação das crianças — e depois dos adolescentes e jovens adultos —, eles deixam de ser encarados como imposição autoritária e limitam a sua manipulação pelos vendedores de banha da cobra. Os assuntos passam a ser compreendidos como parte da vida em comunidade, incorporando valores como a cidadania, a responsabilidade, a participação coletiva, a solidariedade e a confiança nas instituições. Numa frase: aumentam a coesão social e combatem o enorme fosso existente entre pequenos e grandes contribuintes no acesso à Justiça Tributária. Informação é poder.

## EXTRA PODCAAD

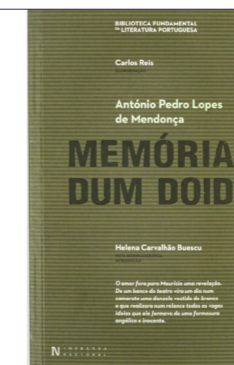
Antes de as leituras de verão se perderem entre listas infinitas de recomendações, pedimos aos convidados que já recebemos no PodCAAD para sugerirem um único livro — escolha livre, sem tema nem restrições — aos subscritores da Audiência Pública.

As sugestões revelam algo mais interessante do que uma simples seleção de leitura para os dias mais lentos das férias. As propostas procuram compreender as tensões do nosso tempo: a forma como a tecnologia transforma a experiência humana, a persistência da memória, o peso da história, os conflitos que moldam o presente ou as perguntas fundamentais sobre identidade, crença e pertença.

Há romances, ensaios, biografias; há autores contemporâneos e obras recuperadas do passado. O que os aproxima não é o género nem o tema, mas uma certa inquietação intelectual com vontade de olhar para além da superfície, de resistir às explicações fáceis e de explorar a complexidade das pessoas e das sociedades. Mais do que uma lista de recomendações, o que se segue é um pequeno retrato das preocupações e das ideias de quase todos os convidados que passaram pelo PodCAAD ao longo do último ano e meio.

**Carlos Casimiro**

DCIAP



Proponho a leitura de um livro de António Pedro Lopes de Mendonça (publicado originalmente em folhetins entre 1849-50) denominado "Memórias dum Doido" [Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa da Imprensa Nacional. 2023]. Trata-se de uma obra que é normalmente esquecida embora mereça ocupar um lugar de carneira na transição da nossa literatura do século XIX para o XX. Através da descrição da vida amorosa do protagonista, Maurício, o autor estabelece a ponte entre o Romantismo e o Realismo numa linha de idealismo romântico e sofrimento apaixonado (na linha do Werther de Goethe), ao mesmo tempo que faz uma crítica social e um retrato vívido de Lisboa da época.

► Continua na página seguinte

## AGENDA



**Podcast do CAAD**

► Luiz Gustavo Bichara, advogado e Procurador Tributário do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, é o convidado de junho do PodCAAD, o podcast do CAAD. <https://www.caad.org.pt/comunicacao/podcast>



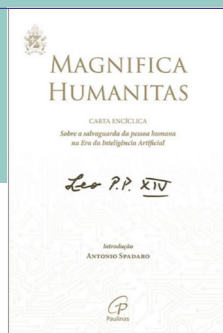
**Advisory Summit 2026**

► O Presidente do CAAD encerra, a 8 de julho, o Advisory Summit 2026, com uma intervenção sobre os desafios da reforma do Estado e da modernização da Administração Pública em Portugal.

► Continuação da página anterior

## Clotilde Celorico Palma

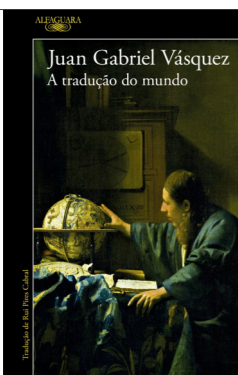
ISCAL/IDEFF/CIDEEFF



Nos conturbados tempos que vivemos em que a Inteligência Artificial é um dos temas dominantes no bom e mau sentido, escolho como obra a indicar a Carta Encíclica do Santo Padre Leão XIV, de 15 de Maio deste ano. **A Carta Encíclica — Magnifica Humanitas**, sobre a salvaguarda da Pessoa Humana na era da Inteligência Artificial, vem sensibilizar-nos para os riscos da IA e lançar um apelo tão simples quão complexo – a necessidade de permanecermos humanos. É neste contexto que, desde logo na Introdução – “As res novae do nosso tempo”, questiona que projecto de humanidade estamos a construir com a tecnologia, defendendo o valor supremo dos direitos humanos e a igual dignidade de todos e clamando pela solidariedade e justiça social, valores tão subvertidos nos tempos que correm. Como conclui, a IA é uma ajuda preciosa, mas exige responsabilidade, transparência e gestão ética.

## Gonçalo Matias

MINISTRO ADJUNTO E DA REFORMA DO ESTADO



A minha sugestão de leitura para este verão é **A Tradução do Mundo**, de Juan Gabriel Vásquez. Neste conjunto de ensaios, o escritor colombiano reflete sobre a literatura, a imaginação e a forma como os livros nos ajudam a compreender realidades que nunca vivemos diretamente. Num momento em que o debate público tende a privilegiar respostas rápidas e posições cada vez mais categóricas, este é um livro que recorda a importância da complexidade. Vásquez defende uma ideia que me parece particularmente relevante para quem exerce funções públicas: a literatura permite-nos habitar outras consciências e olhar o mundo através dos olhos dos outros. Essa capacidade de imaginar a perspectiva do cidadão, do funcionário público, do empresário ou de qualquer pessoa com uma experiência diferente da nossa constitui um exercício valioso de compreensão. Há ainda uma reflexão que me ficou especialmente presente: a de que existem aspetos da realidade que dificilmente podem ser apreendidos apenas através de indicadores, estatísticas ou relatórios. A literatura não substitui o conhecimento técnico, mas ajuda-nos a compreender melhor a dimensão humana dos problemas e das decisões. E essa continua a ser uma das suas maiores virtudes.

## Luís Leon

ILYA

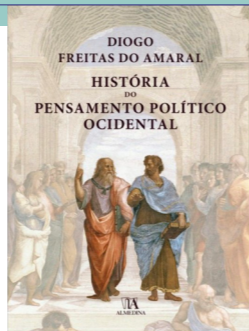


Recomendo um livro já com uns anos e que junta História com ação. **Fúria Divina**, de José Rodrigues dos Santos. Uma forma muito interes-

sante de contar uma história, não duas, que liga passado e presente e que, sendo uma ficção, ajuda a compreender muitos temas sobre o Islão.

## Luís Rosa

JORNALISTA OBSERVADOR



## História do Pensamento Político Ocidental

de Diogo Freitas do Amaral (Almedina, 2011) Num tempo em que as ideologias regressaram ao debate político, em que os radicais vão conquistando terreno aos moderados um pouco por toda a Europa (depois de já terem conquistado os Estados Unidos e estarem em franco crescimento na Grã-Bretanha), li com grande prazer este clássico que muitos estudantes de Direito conhecem. Além de um grande juriconsulto, Diogo Freitas do Amaral escrevia como poucos (juristas e não juristas). É através de uma escrita simples (mas não menos erudita), harmoniosa e muito clara que o autor vai percorrendo o pensamento dos principais filósofos do mundo ocidental – dos clássicos gregos aos romanos, da Idade Média ao Iluminismo, das grandes revoluções liberais (Estados Unidos e França) à Revolução Industrial e dos totalitarismos do século XX à vitória da democracia representativa. Todos os Grandes têm direito a uma pequena ficha que resume o seu pensamento mas também como a biografia de cada um deles influenciou a respetiva obra. No final, percebemos a origem do Estado, o exercício do Poder ao longo dos séculos e a forma como os diferentes

pensamentos políticos nos trouxeram ao ponto em que estamos. É verdade que a obra não aborda todas as consequências da revolução tecnológica ou a ascensão dos populismos (a primeira edição é de 1982 e foi atualizada pelo autor em 2011) mas permite perceber com rigor todas as correntes de pensamento que construíram o que costumamos designar como Ocidente. Ora, quando se fala muito da crise do mundo ocidental e das democracias, da decadência da Europa, da ascensão da China e do crescimento dos regimes híbridos, não há nada como perceber as origens para tentarmos encontrar soluções. Daí a atualidade desta fantástica obra de Diogo Freitas do Amaral.

## João Massano

BASTONÁRIO ORDEM DOS ADVOGADOS



**O Mito do Normal: Trauma, Doença e Cura numa Cultura Tóxica**, de Gabor Maté (escrito com Daniel Maté). Escolho este livro porque obriga a uma pergunta incómoda: e se aquilo a que chamamos «normal» for, afinal, sintoma de uma cultura adoecida? Maté parte de quase quatro décadas de prática clínica para mostrar como o trauma, o stress e as pressões do quotidiano se inscrevem no corpo e na mente. Não como fraqueza individual, mas como ferida que o contexto deixa. Para quem trabalha na Justiça, a leitura é desassossegante. Passamos os dias a ouvir relatos que ninguém devia ouvir sozinho, e fingimos que está tudo bem. Aprendi, ao longo do meu percurso, que cuidar da saúde mental de quem serve a Justiça não

é luxo nem conversa para fracos: é condição para que a defesa dos direitos dos outros se mantenha de pé. Este livro dá-nos o enquadramento para compreender porquê. É também um livro sobre escuta. Cada pessoa que nos chega trava lutas interiores que não vemos e quase ninguém as confessa. Maté lembra-nos que por detrás de cada comportamento há uma história, e que compreendê-la exige mais empatia, não menos. Olhar para a pessoa, e não apenas para o processo. Recusar a anestesia de tratar como banal aquilo que devia indignar-nos. Por isso o recomendo: para abrandar no verão e regressar com outro olhar, mais atento e mais humano.

## João Taborda da Gama

GAMA GLÓRIA



Henrique Cymerman. **O Enigma de Israel: Uma História do Estado Judaico**. Lisboa: Dom Quixote, 2025, um livro fundamental para compreender o que se passa no Médio Oriente, com todas as complexidades da questão.

## Maria Lúcia Amaral

PROFESSORA UNIVERSITÁRIA



O livro que eu recomendaria é o do escritor espanhol Javier Cercas, e o seu título é **O Louco de Deus no Fim**

**do Mundo**. É de 2025 e foi editado entre nós pela Porto Editora, com tradução do castelhano feita por Helena Pitta. Como o próprio autor diz, pertence a um género híbrido: um misto de crónica, ensaio, biografia e autobiografia. Mas para além de ser óptima literatura, trata de questões e inquietações profundamente humanas. Em tempos de tanta desumanidade, vale muito a pena lê-lo.

## Mariana Melo Egídio

FDUL



**A Arte da Guerra**, de Sun Tzu É uma obra intemporal e transcende em muito o campo de batalha, sendo útil para muitas outras áreas, como a gestão, o desporto, a política ou o direito. Leva-nos a compreender elementos básicos de qualquer estratégia, as qualidades que se esperam de um verdadeiro líder (como o comando e a disciplina) e táticas úteis como a importância da flexibilidade perante o imprevisto, a criatividade e a superioridade de vencer sem recorrer ao conflito directo. No fundo, skills importantes também para a resolução alternativa de litígios, como é o caso da arbitragem.

► Continua na página seguinte

## Nuno Cunha Rodrigues

PRESIDENTE DA AUTORIDADE DA CONCORRÊNCIA



Gostaria de sugerir não um, mas dois livros para este verão. Um de caráter mais técnico e outro de ficção. Para quem quer perceber um pouco mais o que é a inteligência artificial generativa, como funciona e os desafios que coloca, proponho o livro de Arlindo de Oliveira **Inteligência Artificial Generativa**, da Fundação Francisco Manuel dos Santos. Há outros mais sofisticados sobre o tema (incluindo do mesmo especialista) mas este é uma edição barata e ilustrativa, ideal enquanto se bebe um refresco ao pé da praia.

Na área da ficção, sugiro **Caderno Proibido** de Alba de Céspedes, uma autora italiana que publicou o primeiro livro em 1935. No pós-guerra, Alba de Céspedes dedicou-se sobretudo à escrita para cinema, teatro, rádio e televisão. Creio que estamos perante um livro acessível no qual rapidamente nos começamos a entranhar. É intemporal – foi publicado nos anos 50 – e obriga-nos a pensar sobre rotinas em que vivemos e opções que podemos fazer.

## Susana Videira

DIRETORA-GERAL DGPJ

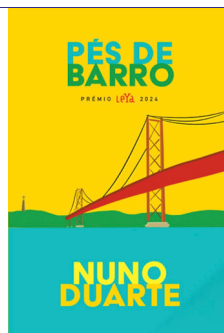
A minha escolha recai sobre **Dor Fantasma**, de Rafael Gallo. A inquietante história de Rómulo Castelo, um virtuoso pianista, exigente e obcecado pela perfeição, que vê a sua identidade abalada depois de uma



amputação. A partir dessa perda física, este excecional romance fala de ambição, fracasso, ego e, sobretudo, da dor de já não correspondermos à imagem que construímos de nós mesmos. É um livro que lemos devagar, mas que permanece em nós. Sem nunca cair no óbvio ou no esperado, Rafael Gallo escreve sobre ausência, perda e afecto, com raríssima sensibilidade. É um daqueles livros, que não se recomenda apenas pela história, mas pela forma como nos obriga a sentir o que muito dificilmente conseguimos compreender ou explicar.

## Tânia Meireles da Cunha

PRESIDENTE TCA SUL



**Pés de Barro**, de Nuno Duarte.

A minha escolha é, desde logo, um autor português contemporâneo. O livro em causa, extremamente bem escrito, transporta-nos para uma realidade do país não assim tão longínqua, mas que por vezes parece tão esquecida. De forma simplificada, traça-nos a história de um dos operários envolvidos na construção da ponte sobre Tejo e que ficou a residir numa das vilas operárias de Alcântara. O mote já me parece suficiente para aguçar a curiosidade.